



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-  
UNIFESSPA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LPEC**

**RAILANI SILVA OLIVEIRA**

**“ESCOLA MARIA LÚCIA BICHARA” NA TOADA DO SENADOR**

**Marabá  
2016**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-  
UNIFESSPA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LPEC**

**RAILANI SILVA OLIVEIRA**

**“ESCOLA MARIA LÚCIA BICHARA” NA TOADA DO SENADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para o curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo. Ênfase/Habilitação em Letras e Linguagens/ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará sob orientação do Prof. Dr. Hiran de Moura Possas.

Marabá

2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Hiran de Moura Possas

---

Prof. Dr. Jeronimo da Silva e Silva

---

Prof. Msc. Edimara Ferreira Santos

## **Agradecimentos**

Acima de tudo dedico essa etapa da minha vida a Deus, pois sei que especialmente ele me deu forças quando pensei em desistir; me sustentou quando pensei que não fosse possível; me direcionou quando estava perdida. Acredito que a ele devo minha existência, coragem, força, determinação no que creio e no ar que respiro. Mesmo quando eu não tinha possibilidades de estar em uma Universidade Pública, nasceu um milagre.

Certamente esse Deus generoso usou vários “Anjos” no meu caminho, entre eles o meu orientador que foi preocupado como pai, aconselhou como um amigo e esteve ao meu lado em todas as diversas orientações desse trabalho. Mas fez ainda mais: cuidou de mim quando precisei. Saiba você que te levarei no meu coração por todos os anos de minha vida com os sentimentos mais belos que possam existir no meu coração.

A minha família que teve e tem papel importante para mim; meus filhos que me inspiram e por eles vejo sentido na vida; a minha mãe que me gerou em seu útero e dividiu sua carne comigo e minha irmã Sulene Silva Almeida que sempre estende seu braço e me acolhe antes de perguntar onde dói. A essa família agradeço por estarem comigo em todos os momentos.

Vocês foram pessoas escolhidas para meu círculo de convivência e contribuíram para que me tornasse melhor, mais sábia, alegre. Na verdade, todos são o conjunto no qual influenciou meus passos. Certamente serei uma docente mais sensível, crítica, com qualidade, e menos míope inspirada em você Hiran de Moura Possas.

**Cultura é uma palavra de origem latina, colere, que significa “cultivar, criar, tomar conta, cuidar” (Chauí, 1997, p. 292) e expressa ação marcada pelo cuidado. Tomada abstratamente, para alcançarmos seu significado geral, cultura é toda criação humana resultante das relações entre os seres humanos e deles com a natureza que leva ao estabelecimento de modos de vida. Trata-se da criação e da recriação que emergem daquelas relações em que os humanos, ao transformarem o mundo, simultaneamente transformam a si próprios. Essas transformações se dão na ordem material, quando a criação e a recriação como ato humano tomam materiais da natureza, dando a eles formas que não possuíam até então. Essa materialidade nova se volta sobre o seu criador, alterando seu estado material de vida e abrindo um novo campo de possibilidades e necessidades que o impulsiona à contínua transformação. Alcança também a ordem imaterial, levando-o a expressar sua subjetividade por meio das artes, teorias, ciências, religiões, ideologias etc.**

## RESUMO

A ligação entre Escola-Boi-Bairro idealizou estreitar laços, no intuito de possibilitar melhores condições de ensino para as crianças do Bairro Nossa Senhora Aparecida também conhecido como “Bairro da Coca-Cola”. A pesquisa, dentre seus objetivos, procurou, em alguma medida, descrever a miopia cultural que acomete os moradores do bairro às ações culturais outras propiciando diversão e aprendizagem. Realizar uma proposição de tentar conciliações dessa tríade, levou a pesquisa ao Boi Senador, seus artífices e à Escola Lúcia Bichara, lugar de feições do campo cravada no coração de Marabá-PA. Foram realizadas entrevistas com os sujeitos desse círculo e transcrições com breves análises dessas vozes. Como consequência dessas ações, realizou-se breve encontro do Boi com a referida Escola, na tentativa de compreensão e problematização (Brandão (2007) às grades simbólico-redutoras que nos engessam reforçando as práticas de exclusão dos saberes não reconhecidos como de grande valia, mas, vivos como nunca, nas comunidades que se afirmam pragmaticamente.

**Palavras-Chave:** Boi-Bumbá Senador. Escola-Curral Maria Lúcia Bichara. Bairro da Coca-Cola. Brincar-Aprender.

## Sumário

<b>“SENADOR” E LÚCIA BICHARA: UM DIÁLOGO CULTURAL.....</b>	<b>09</b>
<b>1. ESCOLA-CURRAL, “COCA-COLA” E “BRINCADEIRA” DE BOI.....</b>	<b>13</b>
1.2 Escola-Curral: Mourões que libertam .....	17
1.3 A “Brincadeira” do Boi: Uma Cultura milenar.....	24
<b>2. REATANDO SABERES.....</b>	<b>30</b>
2.1 Educação do Campo: Experimentos por “Intervenções” .....	30
2.2 O “Senador” na arena do “Lúcia Bichara” .....	39
<b>3. DO EXPERIMENTO COM O BOI.....</b>	<b>42</b>
3.1 Culturas e o ensino da Língua.....	42
<b>BOI NA ESCOLA OU A ESCOLA NO BOI? .....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>

## Lista de Figuras

Figura 1: Imagem aérea do Bairro.....	14
Figura 2: Escola-curral.....	17
Figura 3: Escola “Maria Lúcia Bichara”.....	23
Figura 4: Dia de matrícula.....	23
Figura 5: O “Senador”.....	25
Figura 6: Memórias do Boi.....	25
Figura 7: Oficina.....	31
Figura 8: As penas do Boi.....	31
Figura 9: Aprendendo sobre outros saberes.....	32
Figura 10: Outros símbolos. ....	32
Figura 11: União dos esforços.....	34
Figura 12: Ateliê do Senador.....	34
Figura 13: Arena na Orla.....	37
Figura 14: Conhecendo outras culturas.....	37
Figura 15: Integrando Multissaberes.....	41

## **“SENADOR” E LÚCIA BICHARA: UM DIÁLOGO CULTURAL**

Nas comunidades recentes que se dão por meio de ocupações nos arredores da cidade de Marabá-PA há variedades de famílias, trazendo um manancial de saberes. No Bairro Nossa Senhora Aparecida não é diferente: com sua ocupação, vários personagens da vida real foram protagonistas de grandes histórias, dentre esses o seu Raimundo Nonato que dá vida ao Boi-bumbá Senador.

Na Comunidade recém-formada, crianças, jovens e adultos se reúnem para dançar, bater tambores, cantar toadas e conversar. Na casa de seu Raimundo há um trânsito de pessoas diariamente: várias gerações, de várias partes do país. Ainda que não seja uma instituição reconhecida, o trabalho desenvolvido exige mais do que doação: muito suor, forças, parcerias, a própria vida dedicada. Ao invés de receber por todo esse trabalho, o único retorno é o reconhecimento de quem valoriza, como o sorriso das crianças.

Sabendo da importância de reconhecer essas ações, é essencial realizarmos um olhar para essas práticas culturais, práxis que talvez a escola brasileira demore um bom tempo a validar como conhecimento. Mesmo os participantes, não reconhecem, em certos momentos, o valor e a seriedade de participar dessa prática multicultural-milenar.

Há muitas vezes uma situação de certa invisibilidade da vida cultural do bairro Nossa Senhora Aparecida (Coca Cola) nas cenas pedagógicas desse espaço. O boi Senador, não contrariando essa rotina. Mesmo não tendo sede, mantém-se com ajuda de pessoas da Comunidade cedendo espaços.

Diante das questões levantadas e dos constantes divórcios dos saberes paradigmáticos escolares dos saberes dos labores da vida do referido bairro, como religá-los? Como a Escola Maria Lúcia Costa Bichara pode, nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental, dar trato à questão?

Esses descritos acima têm seus momentos de festas, mas trilham caminhos de lutas e enfrentamentos diferentes, é claro. As escolas falam diariamente de cultura, preconceitos, direitos, mas deixamos escapar essas oportunidades de fazer educação com culturas. Imagine se além da tarefa xerocada para o mês junino, as crianças pudessem receber e viver a festa do boi-bumbá na escola?

Através desses questionamentos, nasceu o desejo da pesquisa. Tentar contribuir com a criação de redes envolvendo a Escola com a vida cultural do seu bairro, em especial às toadas do “Senador”:

O ser humano é curioso naturalmente, deseja saber, conhecer, entender, interpretar e constatar para poder identificar a razão de ser das coisas que existem no mundo. Portanto, o ato de pesquisar está diretamente ligado ao universo do prazer e desejo de conhecer o que não é revelado de imediato. A pesquisa nos faz entender que o mundo em que vivemos não é só aquele que estamos acostumados no dia-a-dia, que recebemos informações e orientações dadas pela rotina dos grupos que encontramos e nos inserimos em nossa rotina diária. Pesquisar é, portanto, mergulhar em novas expectativas de conhecer os fenômenos que nos envolvem a cada momento diferenciado na busca pelas certezas que nos asseguram segurança e satisfação para continuarmos forjando o nosso futuro. (GUIMARÃES, 2013 p. 2)

Movida por esses “desejos que se converteram em prazeres”, escolhi e fui escolhida pela Escola, pelo Boi e pelo Bairro. Na perspectiva de aprender a conhecer o que naquele momento não estava revelado explicitamente, como professora do Município seria fundamental conhecer esta parte intensa da história brasileira que se dava naquela Comunidade.

No Bairro, podemos observar o malabarismo diário para seguir num caminho de “liberdade”, com todas as dificuldades da localização do mesmo. Para se viver “aqui”, faz-se necessário enfrentar as grades da escuridão. Do pôr do sol até seu nascer, existe um temor “natural” das pessoas em transitar pela saída principal do bairro, portal de acesso ao trabalho, saúde e outros. Esse trajeto pode ser muito perigoso, risco de vida, iluminação de péssima qualidade, muita poeira. O risco pode ser duplo, no sentido do perigo humano ou de atropelamento na linha férrea, fato já ocorrido. Casos que nos levam a refletir sobre garantias de qualidade de vida.

Diante dessas questões, a escola tem, ao menos, o papel de auxiliar a família na educação do ser humano, não só com os currículos oficiais, como também por meio de práticas culturais, mesmo não tendo validação de sua importância (MORIN, 2000). Diante das questões levantadas, como religar certas cenas culturais do Bairro Nossa Senhora Aparecida<sup>1</sup> à Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Lúcia Costa Bichara?

---

<sup>1</sup> Bairro de Marabá constituído a partir de ocupação.

A questão levantada será dialogada no decorrer desse trabalho de forma a compreender as problemáticas locais, bem como as lutas para tentar se afirmar como ser humano provido de direitos e deveres. Veremos barreiras que suprimem as pessoas de observarem melhor as práticas de seu entorno, além da distância da escola Maria Lúcia Costa Bichara em relação ao Boi-Bumbá Senador, ambos cara a cara no mesmo Bairro, mas de algum modo não conectados.

Tentaremos aproximar a Escola ao Boi-Bumbá Senador, tendo em vista a gama de significações arraigada nas vestes, personagens, movimentos, cantos desse boi. Tentar realizar uma leitura para os porquês desse distanciamento. Tentar construir com os sujeitos desses universos simbólicos uma forma de aproximação. São questões de momento do pensar e da inquietude.

O trabalho foi previsto para ser iniciado em meados de janeiro 2015, a partir de um projeto de intervenção traçado para o tempo comunidade do curso de licenciatura plena em educação do campo, da Unifesspa, tentativa de conciliação de tempos, espaços e desejos. A ideia tratava-se de um encontro culminado no mês junino, na festa de encerramento do primeiro semestre escolar, recebendo além das crianças, seus pais, danças, poesias e outros.

Boi e escola têm seus momentos de festas. Trilham caminhos de lutas e enfrentamentos, distanciados acentuadamente naquele momento, apesar de realizarem práticas muito próximas, recebendo crianças e fazendo, às vezes da brincadeira, momento lúdico de aprendizagem.

A partir desses questionamentos, podemos notar a importância de um diálogo mais franco, entre os mesmos, pois estão no mesmo território e, em parceria, provavelmente desenvolveriam projetos, no mínimo não recaindo no senso comum de suas práticas. Uma infinidade de possibilidades: professores, pais e alunos conhecedores do que seria um Boi, e um grupo cultural conhecedor de alguns cotidianos da escola.

Sabemos que a escola tem o papel de ensinar as culturas brasileiras e para isso as culturas Africanas e suas relações históricas. A gama de “textos” nas matrizes móveis do boi, o enredo, as vestes, as cores e os personagens seriam fundamentais para as práticas de uma escola desejando ser múltipla.

Essa iniciativa possibilitava um entrosamento de saberes. A possibilidade de inserção do grupo cultural na escola poderia inclusive ser através do programa Mais Educação<sup>2</sup> destinado especialmente para esse público.

Nota-se que a Escola do bairro e o Grupo de dança produzem conhecimento através das trocas de saberes em suas práticas de ensino, porém existe um oceano a ser vencido, e que insiste em tê-los paralelamente no caminho de um encontro platônico. (MORIN, 2000)

Vale ressaltar a importância das práticas culturais dentro da escola, uma vez que a (LDB)<sup>3</sup> garante cultura e lazer para os jovens e crianças das escolas. Ainda o desafio de manter viva a historicidade de algumas das culturas essenciais da origem do povo brasileiro e que infelizmente vemos diariamente de “escanteio”, sempre lembrado, mas nem sempre valorizado, na maioria das vezes.

Teremos como objetivo geral: Promover um diálogo pedagógico-transversal do Boi Bumbá Senador com a escola Maria Lúcia Costa Bichara. E, como específicos: possibilitar o reconhecimento de um texto cultural do bairro “coca cola” nas práticas educativas da Escola: O boi “Senador”. Contribuir para que a Comunidade (escolar e do bairro) possa ter um olhar menos míope para suas práticas culturais circundantes e divulgar e descrever esse fazer cultural à escola.

---

<sup>2</sup> Programa do Governo Federal que visa o ensino integral das crianças viabilizando bolsas de ensino para pessoas da comunidade contribuírem com seus conhecimentos na escola.

<sup>3</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

## 1. ESCOLA-CURRAL, “COCA-COLA” E “BRINCADEIRA” DE BOI

Para tentar refazer a construção histórica do bairro da “Coca-Cola” através da escrita, foram realizadas entrevistas transcritas com o máximo de riqueza das narrativas de memória.

Mostraremos a contribuição da coletividade na luta por moradia, pelo exercício de cidadania de pessoas que naquele momento se encontravam “desamparadas”. Pais e mães, provedores de seus lares, na perspectiva de sair dos aluguéis ou casas de parentes, decidiram ocupar um espaço no seio da cidade de Marabá.

Durante esse processo de luta por moradia, nasceu o Bairro Nossa Senhora Aparecida ao lado da BR 222<sup>4</sup>, nos “fundos” da distribuidora de refrigerantes “Coca-Cola”, daí nascendo o nome-apelido do Bairro.

Lá, anteriormente o que existia era a fazenda Bandeira, propriedade, entre as décadas de quarenta a sessenta do Senhor Almir de Moraes Filho, hoje já falecido, referência na criação do gado nelore<sup>5</sup> e gir<sup>6</sup> e exemplares raçados por Karvadi<sup>7</sup>, gado esse considerado, pelos padrões do mercado, de primeira qualidade. A Fazenda que é alocada, às margens do rio Tocantins, tinha infraestrutura de orgulhar seu dono que a planejara com riqueza de detalhes:

Almir Moraes, com uma sede de fazenda confortável, tem orgulho de apresentar instalações de primeira qualidade. São galpões cobertos com telhas especiais, metálicas, que abrigam seis baias. Os currais são de madeira de lei e muito bem planejados. Com bretes balanças, troncos e embarcadores funcionais. (MORAES, 1998 p.114)

---

<sup>4</sup> Rodovia Federal de acesso às estradas do país e demais Bairros da cidade de Marabá.

<sup>5</sup> Raça em ascensão no Brasil. Muito usado em melhoramentos genéticos, gado de corte.

<sup>6</sup> Talvez seja uma das raças de gado mais antigas que se tem registro no planeta, muito usado para melhorar as demais em termos de produtividade leiteira e trabalho pesado. Vale ressaltar uma peculiar mansidão.

<sup>7</sup>Raça considerada pai da linhagem Nelore no Brasil.



**Figura: 01 Imagem aérea do Bairro**  
**Fonte: [www.google.com.br/imagens](http://www.google.com.br/imagens)**

Assistindo, anos depois, à decadência da fazenda, liderados pelo Senhor Odair Pereira Barros, um grupo de pessoas já se preparava para dar início ao mais novo Bairro da cidade. Famílias numerosas, oriundas dos diversos estados brasileiros, em especial do Maranhão, alimentavam os sonhos estampados no rosto das pessoas.

Para se tornar realidade, havia necessidade em fixar-se em Marabá pela quantidade de oferta de emprego, especialmente nas guseiras, mesmo moradores antigos que estavam comprometendo boa parte da renda familiar em aluguel, optaram por se juntar à causa, como veremos o relato do atual Presidente da Associação do Bairro, o senhor João Paiva:

Eu “tava” sem casa, eu tinha vendido uma casa minha eu peguei e falei eu vou entrar junto. Nós ia... nós “ocupemo” pela primeira vez dia doze de outubro, né? (Pensando) A gente inva... gente ocupou aqui às... cinco e meia da manhã, né? (PAIVA, 2015)

Esse talvez fosse o perfil de pessoas reunidas para uma frente de luta por moradia, mesmo que nesse grupo houvesse subdivisões. Os “líderes” estariam responsáveis por toda e qualquer negociação e respondiam às autoridades, na forma da lei, além de reuniões com a VALE<sup>8</sup>. Concomitantemente, a população necessitada

<sup>8</sup> Companhia vale do Rio Doce.

sair do aluguel se empenhando em todas e quaisquer ações apoiando as decisões do Senhor Odair Pereira Barros, presidente da Associação dos Flagelados e Sem-Teto do Bairro, na época.

Vale ressaltar que o presidente havia negociado com o dono da Fazenda Bandeira a possibilidade de ocupação da área com o intuito do mesmo receber do Governo Federal um valor em moeda corrente. Mesmo o dono da propriedade possuindo título definitivo, o Senhor Odair estava com “carta branca” para a ocupação do espaço, naquele momento tendo poder para mandos e desmandos com o apoio do fazendeiro.

Olha, na época, é..... Em dois mil e cinco, o quê que acontece? O proprietário dessa área que é o Senhor Emanuel Moraes ele procurou o.... O “véi” Odair procurou o seu Emanuel Moraes, porque sabia que ele tinha essa área e ele não tinha como ter legalidade na área, né? “Pá” fazer um loteamento que saia muito caro ou outras coisas. Aí o quê que acontece, né? Ele pegou e aliciou os invasores a invadir a área “pra” ele negociar a área com o Governo Federal, então isso aí foi o motivo de ter os invasores invadido a área, né? (PAIVA, 2015)

A comunidade, por sua vez, começou a perceber que o objetivo principal estava gradativamente se consolidando, porém, nascia com o Bairro um ditador explorando em busca de dinheiro e com ideais próprios. Apenas quem viveu cada falta de energia acompanhada de calor, água quente para beber, com eletrodomésticos inutilizados por falta de combustível para gerar energia, carrega na memória as sensações e as imagens da época.

Começaram a botar energia no Bairro, né? Aí, o quê que eles faziam? Desligavam o transformador “pro” povo pagar, né? “Pra” eles religar. Aí por diante quando eles “tava” sem dinheiro, eles desligavam o transformador “pra” nós pagar, né? Nós morador já, eu já “tava” morando aqui dentro tinha que pagar, né? Em dois mil e seis, dois mil e sete né? Já “tava” pagando já, essa questão de transformador, essas coisas. (PAIVA, 2015)

A violência teve ênfase nesse momento, através de atitudes do primeiro Presidente da Associação. Ao tomar decisões em relação à falta de energia, adquiria a má aceitação da população. Para completar a discórdia, negociava terrenos duas ou mais vezes para pessoas diferentes o que gerou mortes. Até após a morte do senhor Odair, houve outro presidente da associação, sem sucesso no Bairro. Nem a área da construção atual da escola do Bairro escapou das vendas reduplicadas, como afirma o atual presidente:

Quando foi em dois mil e oito, né? É... Eles já “tavam” já... Fazendo muito, já causando muito transtorno “pra” Comunidade, vendendo casa das pessoas, queimando casa das pessoas, “pra” vender entendeu? Pegar o lote e vender

que já “tava” ficando mais escasso os lotes. Aí começou a confusão “pá” banda das “charca” lá, por rumo de baixo já... Já com o “véi” Odair e o pessoal lá, aí foi o tempo que começou uma “brigaiada” aí que o “véi” Odair tomando o terreno do “zoto”. (PAIVA, 2015)

Aí surgiu a nova Associação, né? Na época que a gente pediu apoio, né? Pediu apoio a Bernadete e num teve apoio e virou aquela coisa, aí o Badeco se envolveu aqui dentro, o Badeco “pra” poder começar a fazer coisa errada também, que ele entrou só “pra” fazer coisa errada o Badeco. Pegou a área de lá de baixo, já ali já do outro lado do linhão já, e vendeu os terrenos “tudim”. Aí começou as desavenças entre o Badeco com Curisco já, e já junto com Cesar também, foi a onde aconteceu aquele problema que teve na área do colégio lá. (PAIVA, 2015)

Nos noticiários da TV, as informações da Comunidade geralmente estavam nas páginas policiais, por essas práticas adotadas por alguns “líderes”. Pessoas mortas na linha Estrada de Ferro Carajás, tiro e até desova de corpo. Esses foram alguns fatores contribuintes para a propagação do medo em morar no Bairro.

## 1.2 Escola-Curral: Mourões que libertam



**Figura: 02 Escola-Curral**  
**Fonte: Arquivo da Escola**

A escola tornou-se fundamental para a fixação das famílias no espaço. O povo se habituava à nova rotina de viver em barracões improvisados. Dificuldades não seriam limitações para o exercício do saber formal e do local na recente Comunidade. Os obstáculos foram diversos, frequentar uma escola, ir ao trabalho, posto de saúde ou quaisquer atividades fora da localidade era um exercício de paciência e força. Inicialmente, para frequentar as aulas tinha que atravessar o forte trânsito da BR 222 e uma linha férrea<sup>9</sup>, como afirma o professor à frente da direção da Escola, seu Manoel:

A necessidade de matricular uma quantidade de alunos porque os alunos tinham que atravessar a BR (222), tinha que atravessar a linha do trem (Estrada de Ferro Carajás) e aí tinha um tal de ônibus que esse ônibus não dava nem a metade dos alunos. ” (ARAÚJO, 2015)

Com o passar dos anos, cinco para ser precisa, depois de muitas idas e vindas atravessando a tal linha ferroviária, especialmente nos horários de ir à escola, podia-

<sup>9</sup> Estrada de Ferro Carajás que passa na frente da principal saída do Bairro Nossa Senhora Aparecida.

se perceber o forte tráfego de pessoas: Mães, pais, crianças menores em grupos vindo da escola “da cidade”, sob sol forte ou chuva, enfrentando lama e poeira intensa. Todos transitando por cerca de mil metros para sair do Bairro, sob a nuvem vermelha formada nos “dias secos”, na saída principal.

Situação causadora de constrangimento pela sujeira do pó, o destino que normalmente era a escola das redondezas, recebia os moradores do Bairro geralmente suados, cansados, com os pés vermelhos e por isso o grande anseio da Comunidade seria de ter escola no Bairro. Essas muitas vozes clamando por um desejo comum começaram a transformar o devaneio de outrora em realidade. “Sensibilizada”, a gestão do prefeito Maurino Magalhães de Lima, em 26/01/2010, lançou a portaria de criação da Escola:

Eles me convenceram me convidaram “pra” abrir uma escola no Bairro Nossa Senhora Aparecida. Porque já tinham visto a (pensando) Comunidade, a necessidade de matricular uma quantidade de alunos porque os alunos tinham que atravessar a BR (222), tinha que atravessar a linha do trem (Estrada de Ferro Carajás) e aí tinha um tal de ônibus que esse ônibus não dava nem a metade dos alunos. (ARAÚJO, 2015)

Apesar de não ter um espaço apropriado e tempo para erguer o prédio, a Prefeitura Municipal de Marabá (PMM) consentiu o uso do antigo curral da fazenda Bandeira para servir de escola. Puseram uma caixa d’água, parecendo um mastro representando a presença da gestão municipal no bairro. Aos poucos, os carros com símbolos da PMM circulavam pelos caminhos da “coca” levando todo material destinado à “construção” do estabelecimento de ensino.

Então o prefeito Maurino Magalhães de Lima, determinou a criação por meio da portaria (ato de criação nº 0517/2010-gp), em 26/01/2010. Desta forma, a secretaria municipal de educação dividiu o espaço em 05 salas de aula em material de compensado, colocou o piso, fez a cozinha e banheiro masculino e feminino, fez o poço semi-artesiano e lotou diretor, coordenação pedagógica, professores e pessoal de apoio para iniciar o trabalho educacional. (Etnografia cedida pela Escola, p.01)

Em meio à correria da consolidação da Escola, apareciam muitas pessoas desanimadas com aquela obra tímida, arriscando comentários às vezes desesperançosos. Nesses anos de espera, houve o funcionamento de uma escola não reconhecida pelo Município. Por isso, sentiam-se assim, talvez por essa experiência e promessas frustradas. Apesar desse cenário, a Escola ganhava contornos cada vez mais significativos.

Desde o início da matrícula, né? Fazendo a matrícula de aluno... não foi de casa em casa, más sim, quase praticamente no meio da rua porque nós não

tínhamos, “ele” (Diretor) não tinha nem onde... fazer essa matrícula. Tivemos que colocar carro de som na rua e as pessoas é... com muita... poucas pessoas procuravam, só mesmo depois de... Poucos o número de pessoas que queriam... que davam um pouco de crédito naquele momento era muito pouco, a maioria simplesmente é.... não acreditavam. (PEREIRA,2015)

Apesar das dificuldades enfrentadas e o atraso no início das aulas, finalmente os trabalhos puderam começar. As condições eram adversas, instalações, energia, material pedagógico e mobília insuficiente como relata o professor Edivan:

Num olhar é... dificuldade ali todo mundo sofreu, na verdade professores e alunos foi sofrimento no geral (risos), todo mundo compartilhou (risos) pagou seus pecados ali, se ainda tiver pecado ainda “pra” pagar (risos) ... sem brincadeira. (PEREIRA, 2015)

Nesse tempo, a escola foi “carinhosamente” apelidada de “micro-ondas”: “Agora imagine, três horas da tarde quando faltava energia? Aquelas salas com aquele calor danado, a gente parava a aula e ia embora” (ARAÚJO, 2015). Mesmo nessas condições inapropriadas, o público atendido ampliou à medida que o tempo passava e as pessoas viam o trabalho “dando certo”. Elas retiravam seus filhos das escolas da redondeza e os matriculavam na “Escola-curral”<sup>10</sup>. Era o ano de 2010:

A escola nesse momento tem 750 alunos matriculados, divididos em 22 turmas de aula, incluindo o anexo que fica no bairro Araguaia. Sendo 03 turmas de jardim, 05 turmas de 1º ano, 05 turmas de 2º ano, 05 turmas de 3º ano, 02 turmas de 1ºano 2ºciclo e 2 turmas de 2ºano/2ºciclo” (ARAÚJO, 2015).

As adversidades possíveis de um loteamento, em consolidação abrigando uma escola improvisada, foram enfrentadas. A estrutura do prédio era de madeira e facilitava a propagação de insetos; o chão era de “ piso grosso”; o telhado de zinco esquentava e quando chovia o barulho ficava insuportável. “Na chuva o barulho era enorme, não tinha como se explicar a aula, nem o aluno ouvia e professor também ia estourar as... de tanto falar” (PEREIRA, 2015); salas pequenas, mobília reaproveitada de outras escolas; a secretaria uma “armadilha”, porque tinha que subir alguns degraus de madeira e sem corrimão.

A minha visão sempre foi essa e não medir esforços em todos os pontos que havia a necessidade dia e noite a gente ajeitando paredes, telhado, botando mangueira em cima (do telhado) “pra” ver se amenizava o calor. Instalando (risos), botando, botando água lá por cima fazendo uma espécie de irrigação lá em cima daquele telhado “pra” ver se chovia lá (risos) (risos) (risos). Chuva, chuva improvisada, viu? (risos). A chuva... a gente instalou mangueira lá em cima várias vezes, más... não, não foi o suficiente, pois era um zinco (o telhado), o zinco jamais ia congelar com um pouquinho “d’água” saindo

---

<sup>10</sup> O primeiro prédio da Escola nasceu, a partir do curral da antiga fazenda.

daquela mangueira. Num tinha chuva que... (risos), num tinha chuva que fizesse (risos) esfriar aquilo ali como a gente imaginava. (PEREIRA, 2015)

Más no início mesmo “fia” era um pouco “difiçu”. Num tinha água, as crianças estudavam meio período e vinha embora “pra” casa porque num tinha água. È... as cadeiras também... era daquele jeito lá, as cadeiras “veia”, as cadeiras... as crianças botavam era o caderno na perna “pa” escrever porque não prestava. Porque, sabe como é que é? No início da invasão... no início de invasão todo colégio é assim mesmo, né? “Difiçu”. Depois que vai “amiorando”, né? Com as coisas, né? E aqui era invasão por isso que o colégio levantaram assim, que lá era o curral, tiraram lá as coisas do curral e fizeram o colégio, pois é, mais aí “amiorou”... “amiorou” né não? Até aí é o que lembro. (FOFÃO, 2015)

A alimentação teve muitas, muitas, muitas reclamações dos pais com relação na forma, no preparo da alimentação “pra” esses alunos, pois o ambiente, não, não, não oferecia nenhum, nenhuma... Como eu usaria essa palavra, assim? Nenhuma condição realmente, fazia as pessoas duvidarem que era tudo uma, uma..., mas, no entanto, não era isso, foi... a questão da merenda, é... apesar da água, da gente estar buscando em poços dos vizinhos com tacho na cabeça, lavando lá em cima de mesas provisórias, tudo provisório que depois foi que veio pias e tudo mais.

Tudo isso aí o povo ficava na verdade, é... observando e... como se diz? Discriminando, né? A discriminação, o fator discriminativo foi muito grande “pra” gente que trabalhou lá nesse período. (PEREIRA, 2015)

Percebi nesses relatos que, mesmo com os esforços das pessoas em manter o funcionamento da Escola, as dificuldades saltavam aos olhos de quem sente na pele o calor, os mal-estares, os desconfortos, a poeira e os diversos males causados pela falta de condições de funcionamento escolar. Foram empenhos unidos para demonstrar que podia ter educação naquele espaço. Entrevistas, relatos, imagens ou vídeos não dão conta da realidade daquele momento.

Vale lembrar que as condições de limpeza, alimentação e quantidade e qualidade da água oferecida às crianças e aos adultos foram um dos “dramas” no percurso da origem da instituição. Nessa ocasião, a escola fisicamente, em certa medida, comparava-se a algumas Escolas do campo.

As condições “normais” de funcionamento inspirava o grande fluxo de pessoas no Bairro matriculando seus filhos. Para se ter ideia, as salas tinham cerca de três metros quadrados e em cada sala havia cerca de trinta a quarenta crianças.

Inclusive, para a surpresa inclusive de professores e comunidade, os melhores índices do IDEB<sup>11</sup>, em Marabá, saíram daquele “curral” ou “micro-ondas”.

---

<sup>11</sup> Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Ao todo eram quatro salas de aulas e logo viraram cinco, depois da “construção” de outra sala nos fundos da escola na tentativa de sanar uma emergência; uma minicozinha/depósito, e uma espécie de secretaria de dois andares.

A energia, por meio de instalações clandestinas, oscilava e não dava conta de atender a demanda nem da escola e nem do Bairro. Toda a rede fora feita improvisada; os postes de madeira ou reaproveitados; a fiação constituída de pedaços mostrava um emaranhado, e sempre era possível ver pelos arredores da escola “eletricistas por necessidade”. Nessas condições, seria impossível suportar ventos ou chuva sem a “canela” cair.

A “Lúcia Bichara” enfrentou quatro longos anos sob essas condições. Não havia intervalo para o lanche, as crianças seguiam em fila recebiam e voltavam a fazer a refeição na sala.

Isso tudo contribuiu “pra” as pessoas criticarem, não dá a verdadeira importância em cima do que “tava” se pretendendo fazer, que era... Dá esse início e chamar a atenção realmente do poder público “pra” futuramente construir uma escola melhor “pros” alunos, más até o momento não tinha como fazer isso, porque até a própria área era duvidosa, não inspirava realmente confiança no poder público de fazer logo um prédio. Teve que mexer em toda parte burocrática, e eu acredito que foi o, o, o.... A insegurança também lá do poder público de fazer logo uma escola, porque achavam que isso aqui não ia vigorar isso, entendeu? (PEREIRA, 2015)

No decorrer dos quatro anos de atividades “no curral”, a Prefeitura teve a iniciativa de começar a construção da Escola, ao mesmo tempo, o número de procura por vagas para estudar aumentava. Essa “nova Escola” foi planejada para atender uma quantidade bem maior de crianças e de adolescentes. Certamente com condições bem diferente das que iniciou as atividades, uma infraestrutura adequada para a demanda.

No início do ano de dois mil e quatorze, o curral deu sinais de morte. A gestão da escola-curral paralisou pela primeira vez as atividades. Ficou inviável por em risco a vida de dezenas de pessoas. Em contrapartida, a estrutura predial que daria continuidade e conforto as atividades estava na reta final e assim decidimos esperar a escola-nova. Decisão consentida pela SEMED<sup>12</sup>, naquele momento a sensação de frustração estava evidente, percebemos o atraso no início das aulas, além de intuir o uso de materiais da escola-velha.

---

<sup>12</sup> Secretaria Municipal de Educação.

Finalmente, veio a certeza quando chegou o caminhão da PMM com a mobília velha. A maioria das pessoas estava desacreditada com essa situação, mas colocou a mão na massa: lavamos tudo; organizamos, para esperar a liberação das salas. Os dias seguintes foram de espera e incerteza. Os pais se reuniram e se posicionaram: chamaram a imprensa e com cartazes manifestaram o desejo de funcionamento do local. Crianças e pais seguravam seus cartazes pedindo o início das aulas.

E as aulas realmente começaram. Houve uma “invasão” da escola: as chaves não tinham sido e nem foram entregues. Os dias seguintes foram de ambientação a nova rotina. A sensação já era de alívio. No primeiro momento não dava para comparar o clima das salas de aula, mesmo sem ventilador as crianças falavam do ambiente mais fresco. Banheiros adequados, bebedouro em melhores condições, espaço e finalmente os quinze minutos de lanche.

Foram construídas doze salas de aula; uma sala de informática; uma sala de leitura; uma sala multifuncional; uma cozinha; seis banheiros; um depósito; um almoxarifado; uma sala de coordenação; um auditório; uma sala de orientação; uma secretaria; uma sala da direção, duas quadras para esportes; sala dos professores; refeitório e dois vestiários.

Inaugurada oficialmente em quinze de abril de dois mil e quinze, tornou-se a escola modelo do Município com todas as salas de aula climatizadas (embora as centrais não funcionem por falta de carga elétrica). Espaço amplo, arejado e toda murada. Vale ressaltar, pois, todos esses problemas enfrentados desde as primeiras matrículas até os dias atuais não foram dificuldades para um bom trabalho.

Durante os anos na escola-curral, as crianças foram avaliadas pelo “medidor de aprendizagens” reconhecido pelo Estado (IDEB). E “inexplicavelmente” a nota final sempre foi motivo de orgulho e sensação de resposta ao dever cumprido a todo esse custo.

Nesses anos de esperas, lutas e conquistas, tivemos avanços inigualáveis, mas sem dúvida, a Comunidade enfrentará novos outros desafios, inclusive o de avançar barreiras e abrir as portas para os saberes além do currículo. Sentir a Escola como extensão do seu espaço/casa. Com isso, talvez, possibilitar outra forma de ensino.



**Figura: 03 Escola "Maria Lúcia Bichara"**



**Figura: 04 Dia de matrícula**

**Fonte: Arquivo da Escola**

### 1.3 A “Brincadeira” do Boi<sup>13</sup>: Uma cultura milenar

O boi por várias vezes teve papel de destaque representando o seu entrosamento com a humanidade, ora como um deus, ora como parte de uma brincadeira, ora como animal. Portanto a diferença pode se dar nos momentos, tempo e espaços com olhar diferenciado, porém o animal nunca esteve despercebido e desprezado pelo ser humano. Os registros das manifestações do boi<sup>14</sup> marcam desde o antigo Egito nos tempos de reis e faraós, quando este tinha uma consideração de um deus atendente e protetor de um povo.

No decorrer dos anos e já no Brasil, tem-se registro do boi através de criações de gado de corte e leiteiro, como produção de renda. Geralmente o padrão social dos criadores era alto, pessoas ricas que detinham o poder e “respeito”, enquanto a mão de obra era escrava. Ainda nos tempos de escravidão, tem-se registro do nascimento dos “Bois-Bumbás”. De acordo com relatos, em uma fazenda a mulher grávida desejava comer a língua do boi que o seu amado cuidou com zelo o desejo, por ser o escolhido do seu Senhor. O marido não resiste e sacrifica-o para a mulher.

Ressignifica-se mais uma das manifestações seculares do povo. Em vários estados brasileiros o boi possui suas características, mas as histórias contadas se encontram por várias versões. Interessante notar que os participantes normalmente não têm o conhecimento histórico das práticas que ajudam a manter viva a manifestação cultural. Ela tornou-se uma “brincadeira”, como geralmente citada por participantes. Hoje, o boi-bumbá se apresenta através de disputas e cada estado do Brasil possui seus critérios para eleição do campeão.

As apresentações, em festejo junino, fazem parte da cultura brasileira:

Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mu-dança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos precon-ceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a huma-nidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, Roque de Barros. 2001 p. 52)

A festa do Boi-Bumbá muito conhecida, especialmente nas cidades menores, acontece através de autos. Mistura de teatro com música, dança e circo, levando pelas

---

<sup>13</sup> Forma em que geralmente os participantes do Boi-Bumbá se identificam.

<sup>14</sup> Uma das manifestações da cultura popular brasileira.

ruas os participantes, numa alegria colorida, ao atrair os olhares de curiosos. Traz elementos das culturas Indígenas, Africanas e Portuguesas, envolvendo festejos católicos e fortemente ligados ao mês de junho<sup>15</sup>.



**Figura: 05 O “SENADOR”**  
Fonte: Arquivo da Escola



**Figura: 06 Memórias do Boi.**  
Fonte: Arquivo do “Senador”

Em Marabá-PA e não muito diferente no bairro Nossa Senhora Aparecida, hoje, ocorrem os ensaios do Boi-bumbá Senador, distribuindo alegria, cor e muitas festas nas ruas. O boi ganha vida com os esforços do seu idealizador, o seu Raimundo Nonato, um apaixonado pela “brincadeira” que trouxe da infância, amor apoiado pela família. Os ensaios iniciam em meados de abril e têm o ápice nas festas juninas competindo em festejos apoiados pela Secretaria Municipal de Cultura (SECUT).

Ainda menino teve a oportunidade de ter como vizinho um Senhor que tinha um boi e saía pelas ruas da cidade na época Santa-Rita – TO. Logo ele começou a acompanhar a dança e sair com o grupo. Prazer que ele conhecia ainda na infância e que aos poucos tomava rumos concretos na vida do futuro adulto, mas que ainda era sempre vigiado aos cuidados da mãe, insistia em sair pelas ruas em toadas como vemos o relato:

Aí é certo que foi uma vez que era para ir botar um boi na Palestina, botar no “ríi” era um boi que era seu José de Ribamar e aí tem que soltar no “ríi”, aí queriam levar ele aí eu disse: ---Não, num vai não. Porque se eu “isse” ele podia ir porque eu tenho cuidado com meu “fíi”, mais mandar pelo “zoto” não

<sup>15</sup> Época de festejos envolvendo valor religioso e comemorado por todo o Brasil.

mando não (risos). Não mandei, aí eles ficaram naquele “incutimento” com eles, com esse povo toda vida. (SILVA, 2015)

A relação entre os vizinhos foi intensa, saiam pelas ruas a pedido de outros vizinhos, ganhavam algum dinheiro e por onde andavam recebiam outras propostas, e assim, a magia ganhava contornos cada vez mais extensos. Geralmente os valores recebidos eram simbólicos, mas serviam para fazer festas comemorativas recheadas de comidas feitas pelas mulheres da comunidade. No dia determinado para o evento, as mulheres reuniam-se e preparavam tachos<sup>16</sup> de alimentos fornecidos a todos que viessem à festa. A alegria do menino Raimundo contagiava aos outros componentes como vemos:

Quando ele (Raimundo) começou essa brincadeira do boi, ele começou “pequenim” assim (mostrou com a mão uma altura de pouco mais de um metro) brincando lá mais um povo que brincava boi lá “de junto” de nossa casa, frente com frente. Aí ele começou lá mais esse povo, aí ele era “tão” “animadão”, isso era animado demais e o povo achava bonito ele brincar bem, que ele brincava bem. (SILVA, 2015)

Embora as relações de proximidades foram estreitadas, a possibilidade do inevitável aconteceu, os ventos da vida levaram a família a outros campos. Quando o menino seu viu sem sua “rotina”, festa, boi, ele sentiu. Mas logo um outro vizinho compadecido daquela tristeza deu-lhe um presente onde a criança jamais esqueceria e marcaria sua história de vida. Confeccionou a estrutura de um boi com madeira e pano de estopa<sup>17</sup>, novamente acendera a luz dos olhos que a pouco estava sem brilho como vemos:

Aí é certo que depois o povo foram embora de lá, aí tinha um “veim” que era “incutidim” com ele, gostava demais dele, aí aquele “veim” foi e fez um boi de madeira “pra” ele, um “boim” pequeno”. “Nóis” morava na Santa Rita-TO nesse tempo, aí é certo que ele ficou com aquele boi brincando, aí chamava “pra qui” chamava “pra culá” todo mundo queria que ele “isse” brincar com o boi dele “pra” lá e aí naquilo ficou... (SILVA, 2015)

Novamente o menino estava pelas ruas da pequena cidade, embalado pelo som das toadas e em companhia de seu boi. Os anos foram se chegando e o menino foi amadurecendo e em companhia de outras pessoas constituiu na sua história a marca de uma vida dedicada ao Boi-bumbá Senador. Uma família de artistas, com ele uma irmã dançarina e quem é responsável pelo figurino do grupo, a mãe que registra

---

<sup>16</sup> Grandes panelas de cobre.

<sup>17</sup> É a parte grossa derivado do linho usado geralmente para limpeza

no olhar todos os passos dos filhos, além de ser responsável pelo material durante as apresentações e um tio que também acompanha o grupo.

Pessoas por trás da existência do Boi-Bumbá Senador e em parceria com o Seu Raimundo Nonato jamais deixaram essa parte da cultura morrer. Mesmo nas adversidades financeiras que são as mais inescrupulosas, não foram motivos para a não apresentação do trabalho no festival junino na velha Marabá<sup>18</sup>. Interessante notar a história de amor entre as pessoas da família e o “Senador”, nessa caminhada por vezes houve falas de desistência da vida, tristeza, por dificuldades diversas, mas o Senador e o Senhor Raimundo parecem ser uma só carne, um não vive sem o outro como afirma sua mãe:

Dia desse, o tio dele (Raimundo) disse: Esse ano num vai ter boi. “Mar” menina só vendo a tristeza desse “home”, foi logo “pro” quarto e já é calado desse jeito aí, aí que num falava nada “mermo”, num comia, só vivia deitado enfurnado no quarto. (SILVA, 2015)

Apesar de tanto amor, os ensaios e apresentações só são possíveis devido especialmente ao incentivo financeiro do Município através da Secretaria de cultura do Município. As compras de matéria-prima podem acontecer nas lojas do município e fora para garantir a confecção das roupas. Nesse momento acontece uma explosão de criatividade e alegria representada nas cores, modelos, arranjos, no olhar das crianças e adultos.

A Cunhaporanga , né? A cunhaporanga ela é...(pensando), representa a moça mais bonita, a índia mais bonita da aldeia, né? Ela expressa a dança dela através da beleza dela, né? E o pajé que é o curandeiro da tribo. E a gente levou também a Rainha, também que ela... (pensando) ela leva as cores que a gente vai “tá” representado durante aquela, aquela, a...aquela festa durante a noite (em referência ao festejo junino), que tipo assim, toda, toda vez que a gente for representar a gente leva, a gente muda as cores, aí, então ela que leva as cores que representa aquela festa que a gente vai “tá” promovendo. E a gente levou a (pensando) a sinhazinha, né? Que é a.... é a.... a... Como é que se diz? Ela é a.... (pensando) Ela é uma... Ela é uma índia, “mais” ela é.... Ela não vai vestida de índia igual as outras de pena, ela vai vestida de vestido e ela é disputada pelos... (pensando) no.... no nosso caso, como nós somos... Nós somos, nós temos é.... tambores no caso é disputada pelo pessoal da bateria, né? É como se ela fosse disputada pelo pessoal da bateria. E ela é bonita, né? “Toda “vestidona”.

E assim, a gente tem o índio guerreiro que é um personagem que.... Que esse ano... A gente tem ele, más ele não foi porque se zangou, também não foi se apresentar. E tem a.... A gente tem também o.... O.... A mãe Catirina e o nego Chico também que é um personagem muito importante “pa” brincadeira do Boi, e a tribo, né? E a gente assim, os personagens que a gente por enquanto “tá” tendo são esses.

(TORRES, 2016)

---

<sup>18</sup> Local de disputa entre os Bois-Bumbás.

A festa de Boi-bumbá tem várias formas de manifestações, porém existe um grupo de personagens que, embora possam ter representações diferentes, fazem parte do “espetáculo”, como mostra o dossiê do registro do complexo cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão (2011):

A multiplicidade das personagens também é uma característica marcante dos grupos. Em torno da figura central - o Boi, animado pelo miolo, também denominado de tripa, alma ou fato, gravitam personagens como o amo (cantador, conhecido por cabeceira, comandante, patrão ou mandador, de acordo com a região), vaqueiros de cordão, vaqueiros campeadores, rajados, marujados, rapazes, caboclos-de-pena, cazumbas, toureiros, tapuios, tapuias, panduchas, caipora, manguda, bichos, índias, índios, burrinha, Dona Maria, Pai Francisco (ou Nego Chico) e Catirina. A ocorrência das personagens varia conforme o estilo adotado pelo grupo. Além das personagens de dentro do grupo, pessoas que podem ser chamadas de apoiadores ajudam a manter a brincadeira como as conserveiras, as mutucas, as torcedoras, as doceiras, as cozinheiras, o gerente, o regente, o fogueiro, o fogueteiro e o ajudante de amo.

(Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão, 2011 p.11)

Esses personagens seguem um enredo geral, apesar das diversas variações regionais da dança, variações linguísticas, variedades de personagens, aqui descritos mais especificamente:

A lenda do bumba-meu-boi conta a história de uma escrava chamada Catirina (ou Catarina), que estava grávida, e que pede ao marido Chico (Pai Francisco) para comer língua de boi. O escravo atende ao desejo da esposa, matando um boi da fazenda. Quando o fazendeiro descobre ele chama pajés e curandeiros para tentar salvar o animal que acaba ressuscitando.

Há muitas versões dessa lenda do folclore brasileiro. Umam falam que o boi morreu, outros falam que ele apenas ficou muito doente, outros falam que ele se perdeu e morreu aos poucos, assim como também tem versões diferentes em relação ao Pai Francisco, onde ele é preso pelo fazendeiro em algumas e em outros contos é perdoado. A festa do bumba-meu-boi possui vários personagens como:

Capitão: é o comandante do espetáculo.  
Pai Francisco e Catirina: personagens bastante conhecidos que apresentam os bichos, cantam e dançam de forma cômica. Existem vários personagens e variam bastante entre os diferentes grupos, mas os principais são os seguintes:

Amo: representa o papel do dono da fazenda, comanda o grupo com auxílio de um apito e um maracá (maracá do amo) canta as toadas principais;

Boi : é a principal figura, consiste numa armação de madeira em forma de touro, coberta de veludo bordado. Prende-se, à armação, uma saia de tecido colorido. A pessoa que fica dentro e conduz o boi é chamado miolo do boi;

Vaqueiros: são também conhecidos por rajados. Nos bois de zabumba, são chamados caboclos de fita. Em alguns bois, existe o primeiro vaqueiro, a quem o fazendeiro delega a responsabilidade de encontrar pai Chico e o boi sumido, e seus ajudantes, que também são chamados vaqueiros;

Índios, índias e caboclos: têm a missão de localizar e prender Pai Chico. Na apresentação do boi, proporcionam um belo efeito visual, devido à beleza de

suas roupas e da coreografia que realizam. Alguns bois, principalmente os grupos de sotaque da ilha, possuem o caboclo real, ou caboclo de pena. (<http://www.folclore.net.br/bumba-meu-boi.php>)

Portanto, podemos perceber que, apesar das variações sejam elas geográficas, temporais, linguísticas ou sociais por um enredo multicolorido, a história permanece guardando traços comuns. Seja escrita por historiadores ou descrita por bibliotecas vivas, o boi-bumbá faz parte da história e da memória brasileira.

Compreender esse processo de forma mais crítica/reflexiva sobre o ensino básico nas comunidades foi necessário com o auxílio de leituras direcionando as ações na interação com o outro. Desde Ana Lúcia Guimarães (2003), que orienta o trabalho do pesquisador e preocupa-se com a relação dialógica e recíproca, como: Edgar Morin (2000) que fala dos sete saberes necessários à educação do futuro; Paulo Freire (1987) falando do estudo fragmentado em “gavetas”; Dossiê do registro Patrimônio Cultural do Brasil (2011) mostrando através de histórias e imagens várias representações da festa de Boi-Bumbá; Almir Moraes (1998) em um breve trecho falando de região conhecida hoje como “Coca-Cola”; Ivani Fazenda (1998) contribuindo com as possibilidades de se trabalhar por meio do ensino interdisciplinar, Roque de Barros Laraia (2001) e o Dicionário da Educação do Campo (2012) discutindo sobre cultura e Carlos Rodrigues Brandão (2007) problematizando a Educação e suas definições. Além das vozes, pelas entrevistas, que sustentam essa pesquisa tentando ser uma experiência menos desigual (PORTELLI, 1997)

## 2.0 REATANDO SABERES

### 2.1 Educação do Campo: Experimentos por “Intervenções”

No início da relação Boi com Escola, calorosamente os Coordenadores do “Senador” tiveram o impacto de compartilhar das aflições e do roteiro do festejo junino. Desde o início da pesquisa, convidei-os para estarem na escola apresentando os seus trabalhos. Conversei com a direção, coordenação, orientação e professores. Deixei claro da importância da valorização das práticas culturais da Comunidade, além de perceber a contribuição histórico-educativa das culturas que ajudaram construir os bois-bumbás, como o do seu Raimundo.

Como qualquer pesquisa planejada tem seus contratempos, nós também tivemos. Apesar de Seu Raimundo ser o representante legal do “Senador”, quem mantém na prática ele vivo é a irmã do Raimundo, Eliete. O tempo já se avançava, a preocupação com os ensaios, com a quantidade de integrantes e a confecção de roupas estavam assombrando. Mesmo ainda se recompondo de uma enfermidade, ela decidiu dar partida nos projetos.

Reuniram algumas pessoas que doaram tempo e habilidades com costura na ajuda de confecções das roupas de dança. Nessa fase da pesquisa estávamos todos muito impactados com o modo de reconstrução do Boi, e ainda assim, os integrantes do “Senador” organizaram a agenda com tempo para desenvolver uma oficina na Escola, em meio a ensaios, preparativos de roupas e as adversidades.

Decidimos fazer uma oficina com os integrantes do Boi-Bumbá na Escola. Como são doze salas trabalhando em dois turnos, dariam vinte e quatro turmas. Chegamos à conclusão de divisão das turmas da seguinte forma: Segunda e Terça-feira foram três turmas por turno, quarta, quinta e sexta feira foram apenas duas turmas atendidas no auditório onde acontecia a atividade. “Dessa forma atendemos a todos”. Vale ressaltar que os docentes permaneceram acompanhando suas respectivas turmas.



**Figura: 07 Oficina**

**Figura: 08 As penas do Boi**

**Fonte Arquivo da Escola**

Durante as oficinas, as crianças puderam conhecer um pouco da história através de peças de figurinos, e conhecer o trabalho atual ou mesmo essa prática desenvolvida na “Coca-Cola”, pois alguns nem sabiam de sua existência. A palestrante do boi, ao mesmo tempo em que falava dos personagens, apresentava partes dos figurinos e descrevia outros momentos da história do Boi.

A Escola foi convidada em peso, desde a agente de portaria até as moças que trabalham na cozinha a “dar um pulinho” no auditório, e o interessante foi notar as turmas de até oitenta crianças observando a fala, as cores, e tambores em frente da sala. As turmas ficavam em torno de quarenta minutos no espaço e em seguida seguiam as suas salas de aula. A atividade a meu ver foi de grande valor, pois vários funcionários da Escola nem ao menos tinham ouvido falar da existência do “Senador” no Bairro.



**Figura: 09** Aprendendo sobre outros saberes



**Figura: 10** Outros símbolos

Fonte: Arquivo da Escola

Durante as palestras, Eliete disponibilizou o número de celular para as crianças que demonstrassem interesse em participar das danças, isso gerando muitas chamadas. Mas, ao constatarem que os ensaios ocorreriam pela noite, poucas crianças foram inseridas no grupo, participando dos ensaios até a disputa na Orla, em um concurso cultural.

Logo iniciaram os ensaios oficiais do “Senador”. O espaço foi cedido pelo clube existente no Bairro. Os dias que não teriam festas ou de festas menos importantes, geralmente terça, quarta e quinta-feira. Os horários eram das 19:30 horas às 21:30. Ao iniciar, o portão era fechado e os comandos eram executados quase semelhantes aos militares; nada de brincadeiras; bate papo; ficar sentado. O público era heterogêneo: crianças e adultos acompanhados por familiares.

O ritmo da dança era interessante; passos no ritmo da batida dos tambores exigiam uma sincronia, embora pareçam pouco agitados. Ao final dos ensaios, os dançantes saíam molhados de suor.

A batida dos tambores era animadora, incontrolavelmente o pé balança e em seguida o corpo todo. Dá para sentir a vibração pelo corpo até o coração, talvez o momento de reconhecimento da cultura, da sua cultura, mesmo não tendo crescido ouvindo esse som. Interessante notar a habilidades dos meninos (geralmente os mais interessados) com os instrumentos, logo pegam o “macete<sup>19</sup>” como dizem no grupo.

<sup>19</sup> Aprendem rápido.

Vale destacar a presença da Dona Onorina, mãe dos Coordenadores do Boi. Uma Senhora de oitenta e dois anos; ela observa e às vezes arrisca um balanço para cá e para lá. Nos ensaios ela disponibiliza a água, uma das poucas rezadeiras do século XXI. Ainda havia o filho dela, o seu Chico, o mais velho dos irmãos, que participa ativamente dos ensaios contribuindo no canto das músicas.

Em meio aos ensaios do Boi-bumbá pelas noites, algumas pessoas se revezavam na confecção das roupas, na casa de madeira no lote da Dona Onorina. A casa de madeira, antiga morada da família foi disponibilizada às atividades do grupo após a construção da casa de alvenaria no fundo do lote. O espaço é coberto com telha de “Brasilit” que gera mais calor, e devido as roupas serem confeccionadas em sua maioria por penas, não poderiam ser ligados os ventiladores.

As atividades seguiram de forma mais intensa quando a Secretaria de Cultura disponibilizou um cheque para compra de materiais para confecções, valor liberado já bem próximo da data de apresentação. Imagine administrar a compra, confecção de roupas com os ensaios atrasados? Por isso tudo, toda contribuição e mão de obra foram bem-vindas. Os participantes da produção do figurino saíam queimados pela pistola de cola quente, furadas de agulha e cansados dos movimentos repetitivos orquestrados pelo calor.

Vale destacar ainda as dificuldades de compra da matéria prima do figurino, em sua maioria confeccionados com penas não encontradas em Marabá. Um dos coordenadores deslocou-se até a cidade de São Luís, no Maranhão, hospedando-se “de favor” na casa de um amigo coordenador de um boi local.

A volta à rotina o “ateliê” ficava dividida em duas partes: as caixas guardavam as peças de tecido e os varais organizam as peças com penas. Interessante perceber que parte do figurino era de materiais recicláveis.

Durante os ensaios, todos os dias as crianças eram convidadas a tirar medidas e experimentar seus figurinos, no intuito de estarem impecáveis na apresentação oficial.



**Figura: 11 União dos esforços**



**Figura: 12 Ateliê do Senador**

**Fonte: Pessoal**

Uma das apresentações do “Senador” foi no Bairro de Novo Horizonte. O evento fora aberto ao público e recebeu diversas pessoas, em sua maioria vestidos a caráter. Os coordenadores do Boi não cobraram cachê para dançar e a logística ficou a ser combinada. Quando o evento é municipal têm os ônibus escalados para levar todos os grupos, caso contrário prevalece a combinação entre os organizadores.

Outro momento marcante dessa experiência foi o batizado do Boi-Bumbá Senador. No dia 14/06/2015, ao chegar no ensaio, deparei-me com uma mesinha forrada com a imagem de São João e duas velas; as cadeiras afastadas faziam um semicírculo e o Senador apoiado nos tambores frente a mesa. Ao iniciar o batismo, todos foram convidados a entrar e o portão foi fechado; os curiosos ficaram sentados e os dançarinos em semicírculo ao redor do Boi e da mesa. Dona Onorina, já com um galho verde, começou a reza baixinho molhando o galho e começando a esguichar água no Boi e em seguida nas pessoas que estão em círculo respondendo com dança e cantos para o Senador. Percebe-se ali o valor religioso imbricado nas danças. No dia desse batizado, o ânimo parecia ainda maior. Após o batismo, a mesa foi recolhida e o ensaio aconteceu normalmente. Interessante observar o fluxo significativo de pessoas para presenciar o ato.

Vale ressaltar um fator interessante presente nas apresentações, seria a presença de pessoas convidadas para sanar uma falta de alguém ou mesmo pessoas que passavam muito tempo sem frequentar os ensaios por diversos motivos e são

acolhidos sem nenhuma forma de exclusão. A rotatividade de pessoas pode ser medida com dados interessantes: as crianças frequentavam com poucas faltas, já os adultos desistiam e retornavam com frequência.

O primeiro evento de disputa de Bois aconteceu no bairro da Velha Marabá-PA. O chamado “arrastão<sup>20</sup>” foi programado e, na data proposta, Eliete marcou uma hora para estarem todos a esperar o embarque. Normalmente todos se reuniam com antecedência, no intuito de ornamentação das pessoas. Dali, as crianças saíam preparadas para disputar com laços e fitas, pintadas e com gritos de guerra na ponta da língua.

No ato do desfile, curiosos saíam dos restaurantes, casas e comércios e observavam a passeata dos grupos, alguns deles com gritos de guerra. Na região, esse evento é esperado o ano todo pelas pessoas. Talvez por serem atraídos pelos sons, pelas cores e brilho. Os grupos percorriam cerca de 500 metros desfilando, desde a praça Duque de Caxias em direção à Orla de Marabá-PA.

À medida que os grupos chegavam, esperavam a convocação no palco e na sua vez poderiam entrar demonstrando sua dança, mas apenas parte dela, deixando o melhor para a disputa. Enquanto isso, o apresentador lê um breve histórico do grupo e em pouco tempo a atividade se completa e o que se vê do lado de fora são os ônibus conduzidos ao retorno aos lares.

Nesta fase da pesquisa, podemos notar a carência de valorização das danças culturais, usando como referência os Bois-Bumbás, pois apenas quatro grupos se apresentaram e disputaram prêmios de primeiro, segundo e terceiro lugares. E as quantidades de integrantes se limitavam não só por causa do espaço, despesas ou outros motivos, mas principalmente pela falta do humano. As pessoas, na maioria das vezes, não demonstravam o interesse em participar efetivamente nesse tipo de celebração cultural.

Novamente os ensaios continuavam a todo vapor, mas a quantidade de encontros se tornou maior. Dos dias da semana, apenas a sexta-feira e o sábado estiveram livres para não prejudicar a rotina do clube cedente do espaço. Os últimos ajustes foram preparados, o coro<sup>21</sup> ensaiado, entusiasmo, energia. O calor parecia transbordar dentro daquele espaço, agora cada movimento era orientado de perto.

---

<sup>20</sup> Evento de apresentação dos grupos de Bois-Bumbá e quadrilhas que dançarão na arena disputando um prêmio em primeiro lugar.

<sup>21</sup> Grupo que entoia os cantos do Boi-Bumbá Senador.

Essa atividade, com incentivo do Governo Municipal, deveria acontecer o ano todo em valorização da cultura e qualidade de vida das pessoas. Se pararmos para analisar, essa parte da história do Brasil está ficando cada vez mais escassa. Para a maioria das crianças de hoje não há o menor o conhecimento dessa parte da nossa história.

Durante os ensaios, vale ressaltar a metodologia de ensino e organização das pessoas que estavam a frente dos ensaios. Como a trajetória do “Senador” se dá em família, a maioria tem sua parcela de contribuição. A Eliete cuida da coreografia, porque possui habilidades corporais e algum embasamento teórico construído nos seus anos de vida nas academias de musculação; o marido dela fica responsável pela bateria e a entrada e saída das pessoas no ambiente. Cada um usa um apito; os silvos têm sons diferentes e representam ações diferentes.

A disciplina exigida é rigorosa, apesar da dança ser algo potencialmente prazeroso. A orientação era estar na sua posição, não ter conversas desnecessárias, não se sentar durante os ensaios, dedicação. O Seu Raimundo cantava e ensinava as toadas para as índias<sup>22</sup>. Dessa forma, todos tinham algum papel fundamental no grupo, acolhendo pessoas sem discriminação. Se faltasse alguém importante no ensaio, outra pessoa certamente ocupava o lugar naquele momento.

Interessante perceber o olhar ou a falta de olhar de alguns da Comunidade em relação à trajetória do Boi Senador no Bairro. Mesmo tendo suas atividades há mais de seis anos no local, ainda existem pessoas que não sabem ou nem ao menos conhecem o trabalho sociocultural existente e de graça. Umas por desatenção, talvez, e outras por serem evangélicas e acreditar não ser de “Deus” essa prática.

Finalmente, no dia vinte e três de junho aconteceram as danças na orla num espaço amplo cercado por quatro arquibancadas, sendo três de público e uma do júri. Muito movimento, namorados, ambulantes, dançarinos.... Em meio a alguns contratemplos, conseguiram estar na entrada no momento do anúncio de entrada. As crianças estavam eufóricas, para algumas a realização de um sonho. Os olhinhos brilhavam no encanto da dança. Percebe-se que “[...] o trabalho de campo é tão rico em informações quanto questionar informadores” (GUIMARÃES,2013 p. 58-97).

O grupo teve, como cores representativas o verde e vermelho, mas tinha também a possibilidade de mesclar uma delas com outra escolhida. E as cores do ano

---

<sup>22</sup> Personagens do Boi-Bumbá Senador.

de dois mil e quinze foram verde e laranja. A sensação de estar na arena foi única, muita gente gritando animada, o som alto trazendo uma felicidade vibrante. O Senador dançou com a beleza da cultura. Os personagens desfilaram suas graças cada um de acordo com sua história.



**Figura: 13** Arena na orla



**Figura: 14** Conhecendo outras culturas

Fonte: Pessoal

A sensação, ao final da apresentação, foi de dever cumprido. Após tantos dias repetitivamente ensaiando passos, a alegria foi consequência. As pessoas aproveitavam para assistir aos outros grupos de dança, comer, passear à luz da lua e com vistas para a praia do Tucunaré. Para algumas crianças do Boi, essa é a primeira oportunidade de conhecer esse cartão postal da cidade, por isso o deslumbre era inevitável. Após o retorno aos lares, todos esperaram o resultado do trabalho.

No dia seguinte acontece o resultado nunca esperando, a posição de terceiro lugar alcançado no ano passado fora desbancado e o Senador ficou em último lugar. Todos ficaram sem entender. Por que? O que aconteceu? Como? O que fizemos de errado? Essas foram algumas das perguntas feitas por todos. Como explicar especialmente às crianças o resultado de tanto esforço? Como elas viam a frustração dos adultos pela “perda”? Na verdade, foi necessário algum tempo para aceitar esse resultado.

No momento de reflexão sobre o resultado, algumas questões ficaram para pensar. O único Boi-Bumbá que desenvolveu seus trabalhos com várias crianças foi

o Senador. Outra questão a ser observada pode ser o preconceito social com o Bairro/favela. E não mais importante, a preparação desses juízes para julgar, pois não haviam assistido aos vídeos dos anos anteriores, uma das exigências para o cargo.

## 2.2 O Senador na arena do “Lúcia Bichara”

O propósito do trabalho seria não apenas conhecer os dois mundos, mas contribuir para uma aproximação entre ambos. A sensação de dever cumprido poderia acontecer de forma que pudesse interferir nessa “relação” ou na sua falta com o desejo, de certa forma, de fazer algo por essa Comunidade Pedagógica que vive uma realidade de “gavetas” disciplinares. Sabemos que não somente na cidade de Marabá acontece essa educação bancária (FREIRE, 1987 p.34).

O próprio docente não se atenta para outras formas de ensino que não sejam no “seu habitat”; quase nunca vemos aulas fora da sala, quando isso acontece a aula fica diferente para quem participa e observa. Talvez esse momento pudesse mostrar que práxis de ensino pode contribuir significativamente não apenas no primeiro segmento do ensino fundamental, mas em todos os níveis de aprendizado.

A escola fala muito de cultura, inclusive segundo a Lei de Diretrizes e Base da educação é obrigatório falar das culturas, porém esse ensino se dá de forma fragmentada, descontextualizada ou observando por outro ângulo poderia ser mais bem desenvolvida, mostrando no seu espaço, na prática a valorização dos saberes. Isso poderia estar visível com o reconhecimento das práticas do entorno, seja: O próprio Senador, a rezadeira, o borracheiro, pessoas com habilidades de plantação e várias outras atividades desenvolvidas nas redondezas do Bairro.

Na tentativa de direcionar outros olhares para aquela localidade, convidamos esse grupo de dança para relatar suas experiências e suas memórias, em alguns momentos também relatos feitos por pessoas presentes na festa. Professores relatavam suas experiências na infância com essas práticas culturais; pais e mães buscavam na memória e relatavam entre si suas histórias. Momento de interação onde todos podiam sentir-se no direito de ensinar, através de suas experiências de vida.

Segundo a autora Ivani Fazenda: “Não existe uma pedagogia interdisciplinar única...” (FAZENDA, 2008 p.119). Em meio a uma discussão intensa trazendo vários autores, ela diz não haver uma receita pronta de ensino interdisciplinar, mas propostas diversas e variadas de ensino. Nessa perspectiva, a proposta foi conciliar o Boi-Bumbá “Senador” com a Comunidade e com a Escola.

Através dessa atividade, pude perceber a possibilidade de trabalhar certa dose de interdisciplinaridade no cotidiano escolar. Através da dança podemos listar diversas áreas do conhecimento dialogantes, conteúdos da “grade Curricular” como:

História, Geografia, língua Portuguesa, Matemática, Ciências. Dentro de cada disciplina podemos ainda transitar por diversos gêneros escritos; temos dessa forma uma diversidade de assuntos.

Nessa perspectiva, após todo o processo de “aproximação” dos mundos da Escola e do Boi conseguimos marcar o dia em que o grupo faria uma apresentação da sua dança na Escola. Ao final do mês de junho, na festa junina da Escola, estavam pais, mães e discentes. Na quadra da Escola, os professores organizaram o espaço, montaram barracas de vendas, organizaram apresentações e marcaram presença.

Noite de lua cheia, linda, clara e céu estrelado, brisa alisando os cabelos, enquanto as pessoas circulavam pelas barracas comendo às vezes com olhos às comidas típicas dessa época, muitas pessoas visitando, momento descontraído. A noite propôs muitas novidades, desde a apresentação da Miss Caipira, quadrilha de dança e por fim o Boi Bumbá Senador, essa foi a ordem de apresentação. Na quadra, pudemos observar que alguns rostinhos ali não eram desconhecidos.

O espaço ficou pequeno para a quantidade de pessoas presentes no lugar. Durante a dança do Senador, podíamos notar a organização em que são distribuídos os personagens: os homens ficavam na bateria e vale destacar a presença de alguns senhores idosos tocando com as mãos, corpo, olhos. Suas roupas muito coloridas, brilhosas, chapéu enfeitado; percebemos harmonia no conjunto dos tocadores marcados pelo tempo com experiência da vida.

Enquanto a bateria se organiza, em fila indiana, o restante dos personagens se distribuía no salão. O encanto foi inevitável; as pessoas se espremendo na tentativa de ver por um ângulo melhor a dança. Nessa apresentação, uma boa parte das pessoas conheceu e soube da existência desse trabalho na Comunidade.



**Figura: 15** Integrando multissaberes  
**Fonte:** Arquivo da Escola

### 3.0 DO EXPERIMENTO COM O BOI...

Por meio desse trabalho, pudemos pensar sobre certa invisibilidade de práticas do entorno da nossa cidade: o boi-bumbá, as benzedadeiras e outros. Tudo se mantendo vivo, apesar de metamorfoses conseguem se estabelecer.

Apesar da cultura não ser a mesma, as transformações pelas quais todos e quaisquer grupos passam, ficam certas matrizes. Permite-nos conhecer e se apropriar da história de um tempo, povo, ideologia, comidas, vestes, religiosidade. Vale ressaltar a grande valia dessas práticas que insistem em se estabelecer, pois podem agregá-las no ensino formal.

Com tudo isso, podemos esperar uma ligação entre a escola formal e escola de Boi-bumbá? Quais os pontos positivos? Negativos? Como reconhecer e propagar o valor de práticas desse ensino que continua a ser chamado de não formal? De que forma a escola poderia aproximar-se desses saberes?

Também não pude deixar de perceber nessa experiência a heterogeneidade dos “brincantes”. Naquele espaço, percebi pessoas do Pará, Tocantins, Maranhão, Goiás, jovens homossexuais. Enfim, espaço para muitos.

#### 3.1 Culturas e o ensino da língua portuguesa

Dessa experiência, surgiu o desafio de também integrá-la as minhas futuras práticas de ensino, como professora de língua portuguesa. Através da língua portuguesa podemos lutar, escrever, sonhar, desenhar, ousar, brincar e viajar pelas dimensões cosmológicas. Tudo isso é possível a partir da comunicação escrita e para isso faz-se necessário aprender a ler e escrever, portanto sabemos ser esse o papel da escola. Mas numa época de tantas dificuldades no ensino por diversos motivos, o ato de ensinar se torna cada vez mais complexo.

De um lado a escola que temos com suas várias mazelas, mas com atribuições fundamentais na vida dos seres humanos, desde os primeiros anos de vida movida por constituições e leis que “nor-teiam” seus deveres. Do outro, a população que chega à escola com sua heterogeneidade e necessidades e que geralmente a escola não dá conta de receber, mas, ainda assim, recebe.

Sabemos que boa parte dos jovens desistem de estudar e esse é um dos grandes desafios da escola, pois de que forma se pode atrair o interesse dos

estudantes para mantê-los em sala de aula por 200 dias anuais, sendo 4 horas por dia sem que eles percam o interesse?

Podemos dialogar: estudar a ligação entre os personagens dos Bois-Bumbás, suas histórias, enredos, vestes, vestígios religiosos, geografia histórica e a infinidade de “conteúdos” existentes, nessa prática cultural, pode possibilitar o ensino interdisciplinar e manter os jovens na escola, pois vale lembrar, além disso, poderiam participar do grupo e com conhecimento histórico. Forças unidas e vantagens escancaradas, inclusive na saúde do corpo através da dança.

Seria bem mais atrativo possibilitar a interação entre a escola, como instituição de saber formal, e toda a prática de ensino válida, portas abertas e laços estreitados com a Comunidade. Não apenas trazer os saberes para a escola, mas levá-lo para a comunidade. Trazer o Boi, os indígenas, rezadeiras, contadores de estórias e tantos outros, bem como ir até eles. Reconhecer a importância em cada especificidade, valorizar outros saberes e quem sabe, assim, produzir Saber. Talvez, a partir de um novo olhar sobre o que é Educação (BRANDÃO, 2007), estejamos a fazer algo novo, e assim começar uma mudança necessária e posteriormente planejar novos ensaios bem mais ousados.

A seguir, veremos uma proposta de aula planejada em Língua portuguesa destinada às crianças do quinto ano da Escola, na perspectiva de trazer o “Senador” e suas canções como parceiros da Escola, no ensino da língua.

A ideia seria de convidá-los a se apresentarem em algum dos eventos rotineiros do início do primeiro semestre; fazer um roteiro planejado para que os mesmos se atentem ao máximo possível na apresentação e tentar aguçar suas cognições. No segundo momento, a ideia seria de uma apresentação mais amistosa em sala de aula, ou mesmo, embaixo de uma árvore e possibilitar um bate papo com perguntas, músicas, gravações de áudios, aguçar as histórias da memória do Boi-Bumbá.

Dessas gravações, poderiam escolher duas canções para o ensino da gramática; pedir aos discentes que transcrevam as músicas e a partir daí esmiuçarem os assuntos. Vejamos dois exemplos possíveis de ensino da língua portuguesa a partir de músicas:

#### Cantos do Senador

Eu vou falar das praias mais bonitas  
da nossa cidade é isso que o povo quer.  
Tem a praia do pedral banha homens e mulheres,  
A praia do geladinho banha quem quiser,

Tem a praia da mangueira é isso que o povo quer.  
 Más a praia mais bonita é a do tucunaré,  
 Aa é....., praia do tucunaré, aa é....., praia do tucunaré, aa é....., praia do tucunaré.  
 Porque a praia mais bonita é a do tucunaré. (SILVA, 2016)

A partir das músicas em mãos e transcritas, poder-se-ia pedir que marcassem as palavras desconhecidas por eles e procurarem no dicionário o significado; escreverem no quadro a letra da música e pedir que eles fizessem a pontuação e acentuação devida, fazendo posteriormente a ideal. Trabalhar os conceitos de verbos e tempos verbais, singular e plural, antônimo e sinônimo, adjetivos.

Após esse trabalho, expunha-se a noção de gêneros textuais e pedisse que identificassem no texto aqueles podendo residir lá. Em seguida, pedisse que produzissem texto descritivo sobre a Praia do Tucunaré e, se possível cantassem, imitassem, entoassem, declamassem para toda a classe. Depois, recolher-se-ia o trabalho da turma e distribuiria aleatoriamente para pedir que o colega fizesse suas contribuições, posteriormente devolvendo as anotações. Expor o trabalho em varal, mural ou mesmo em uma aula cultural.

Eu vou falar das praias mais bonitas  
 da nossa cidade é isso que o povo quer.  
 Eu vou falar das praias mais bonitas  
 da nossa cidade é isso que o povo quer.  
 Tem a praia do pedral banha homens e mulheres,  
 A praia do geladinho banha quem quiser,  
 Tem a praia da mangueira é isso que o povo quer.  
 Más a praia mais bonita é a do tucunaré,  
 Aa é....., praia do tucunaré, Aa é....., praia do tucunaré, aa é....., praia do tucunaré.  
 Porque a praia mais bonita é a do tucunaré. (SILVA, 2016)

A sugestão apresentada vai ao encontro da proposta curricular do município de Marabá. Vale lembrar ainda que se a proposta tiver um teor interdisciplinar, amplia-se o leque de conteúdos a ser debatido em sala. Além do mais, há flexibilidade de mudanças de ordem da sequência ou inclusão de novas etapas, podendo-se pensar até em um mosaico de fotos a partir da culminância para expor nas reuniões com os pais. Ricas possibilidades especialmente se forem trabalhados com a equipe Escolar.

Diretor dos índios tu é brasileiro,  
 diretor dos índios tu é brasileiro  
 dá uma volta na aldeia “pra” pegar índio guerreiro e prender o marreteiro.  
 Diretor dos índios tu é brasileiro  
 dá uma volta na aldeia “pra” pegar índio guerreiro e prender o marreteiro.  
 Dá uma volta na aldeia “pra” pegar índio guerreiro e prender o marreteiro.

Diretor dos índios tu é brasileiro,  
 diretor dos índios tu é brasileiro  
 dá uma volta na aldeia “pra” pegar índio guerreiro e prender o marreteiro.  
 Dá uma volta na aldeia “pra” pegar índio guerreiro e prender o marreteiro. (SILVA, 2016)

A proposta, nesse caso, pode ser uma complementação dos assuntos anteriores: Linguagem coloquial e normativa, ortografia, substantivos masculino e feminino, rimas, produção de texto. Essa apenas uma parte de uma gama de possibilidades de ensino da língua portuguesa, a partir das músicas do grupo “Senador”.

Vale lembrar que a proposta didática, acima descrita, foi construída com base no que é indicado pelo município e pode ser desenvolvido com crianças do quinto ano do ensino fundamental, inclusive podendo se adequar à realidade local e que melhor for conveniente ao ensino.

## **“BOI” NA ESCOLA OU A ESCOLA NO “BOI”?!**

Acredito que para o graduando o desafio do trabalho de conclusão de curso se dá no projeto de pesquisa, pois necessita-se “escolher” uma temática adequada ao processo de formação. Dessa forma, durante alguns meses vivi esse dilema que fora acalmado durante a disciplina de Estudos culturais onde vários questionamentos foram esclarecidos e outros surgiram. Ali pude perceber, com estranhamento, o meu comportamento, pois durante seis anos ouvi, de maneira estéril, os sons das apresentações e ensaios no Boi-Bumbá “Senador”.

O pior ainda estava por vir... o grupo desenvolvia suas atividades a menos de quarenta metros de distância de minha casa e os sons ecoavam aos meus ouvidos inertes. Após estudar sobre a Cultura, pude me ver de muitas formas naquele contexto: vizinha míope; na indiferença política; na intolerância religiosa; na falta de apoio dos empresários do Bairro; na desvalorização das mídias. Mas tinha nascido ali o desejo de conhecer-pesquisar-aprender as ações daquele grupo e o desejo de estabelecer uma relação de maior reciprocidade do Bairro com a Escola.

Durante o fazer do projeto de pesquisa, trouxemos o Boi para a Escola juntamente com a Comunidade. Para os presentes na festa, podíamos perceber a magia da noite sob o céu estrelado, muitos relatos de estranhamento daquele grupo; as pessoas não sabiam de sua existência no Bairro. Além disso, havia em mim a necessidade de saber de que forma poderíamos conciliar os saberes no aprendizado de todos e especialmente das crianças no ensino da Língua Portuguesa?

Percebemos o olhar da escola para as práticas de ensinamentos não formais ao perceber educadores de comportamento “engessado”. Presenciei alguns relatos de docentes desacreditados nas crianças diante da possibilidade de voos.... Pude, para não ser somente pessimista, observar algum interesse de docentes em desconstruir as propostas curriculares de ensino. A escola não pode se limitar a viver uma rotina.

Porém percebe-se a falta de iniciativa do grupo em ousar, parece mais fácil permanecer cumprindo regras impostas por alguém que nem ao menos conhece a realidade local, pois valorizar o que não é reconhecida como algo de valor além de dar trabalho não compensa. Isso implica em prejuízos imensuráveis na formação dos jovens e adolescentes atendidos nessas escolas do município. Sabemos que até o fato de fazer relatos orais pode desmotivar ainda mais quem já tem dificuldades.

Construímos barreiras invisíveis, mais catastróficos para a vida de pessoas, quando conseguimos oprimir seus egos, sabendo de suas dificuldades e limitações e ainda assim insistimos em inferiorizar porque não sabe de algo ou não tem. Principalmente aos nove anos no quinto ano do ensino fundamental e até distorcido idade série como vemos jovens de quatorze anos perdidos no fundo das salas em alguns casos sem ao menos saber ler. O professor precisa ter sensibilidade para orientar alunos.

Antes de enxergar o problema da sala de aula precisa ouvir a história de vida dessas pessoas, mesmo sendo crianças quando chegam à escola trazem consigo marcas, às vezes marcas profundas em suas vidas, por isso há a necessidade especialmente em direcionar o olhar. Após isso começar a escolarização. Más na escola com cerca de quarenta crianças por turma geralmente o docente opta pela zona de conforto.

Ao tentar observar a rotina de Escola com um maior estranhamento pude perceber o quanto as pessoas estão carentes, de falar, de ser ouvida, valorizadas em suas simplicidades. O simples ato de ensinar a plantar e cultivar uma horta pode estimular a leitura e escrita de crianças, pois elas devem conhecer os rótulos das sementes e outras necessidades de leitura. Na Escola inclusive existe uma horta más não percebi a circulação de pais no cuidado.

O ato de lecionar dá trabalho, imagine então quando devemos abandonar as práticas engessadas e começamos a fazer experimentos? A mudança começa na cabeça e reflete na sala de aula. Más qual o sentido de permanecer inerte diante de metodologias copiadas? Quando temos infinitas possibilidades de mudar. Os frutos desse tipo de trabalho podem ser colhidos vagorosamente. Más proporcionam um sabor indescritível de vitória, dever cumprido, de ter feito o certo.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Manoel. Entrevista concedida em 15/03/2015 à Railani Oliveira.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos)
- Dicionário da Educação do campo. / Organizado por Roseli Saete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. P.180 a 181.
- FAZENDA, Ivani, Didática e interdisciplinaridade / Ivani CA. Fazenda (org). -- 13ª Ed. Campinas, SP: Papirus. 1998. -- Coleção Práxis)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FOFÃO. Entrevista concedida em 27/03/2015 à Railani Oliveira.
- GUIMARÃES, Ana Lúcia. **Ciência Atual**, Rio de Janeiro: 2013.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. **Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. São Luís: IPHAN/MA, 2011.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge “Zahar” Ed. 2001.
- Morin, Edgar, 1921-**Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- PAIVA, João. Entrevista concedida em 07/04/2015 à Railani Oliveira.
- PEREIRA, Edivan. Entrevista concedida em 10/04/2015 à Railani Oliveira.
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um Pouquinho**: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, São Paulo: 1997.
- SILVA, Raimundo Nonato da. Entrevista concedida em 15/05/2016 á Railani Oliveira.
- \_\_\_\_\_, Onorina Maria da. Entrevista concedida em 02/04/2015 à Railani Oliveira.
- TORRES, Eliete Maria da Silva. Entrevista concedida em 22/07/2016 à Railani Oliveira.
- MORAES, Almir Queiroz de. **Pelas trilhas de Marabá**. Marabá. Editora Chromo Arte, 1998.